

EU CARREGO UM SERTÃO DENTRO DE MIM

TEXTO:

Narração:

- Que eu nasci em 1908, voce já sabe. Não se deveria exigir de mim mais dados. Minha biografia, antes de tudo, minha biografia literária, não devia ser crucificada em datas. Aventuras são sem tempo, sem começo nem fim. Meus livros são aventuras, eles são minha maior aventura. Escrevendo descubro sempre um novo pedaço do infinito. Eu vivo no infinito, o instante não conta. Vou-lhe revelar um segredo: Creio que eu já vivi uma vez. Naquele tempo, eu também era brasileiro. Chamava-me João Guimarães Rosa.

Entrevista: (Mestre Noza)

- Inocêncio da Costa Nique. Macho.

GS - Eu não entendi o final.

- da Costa Nique, de Itaqueratinga, ali perto de Caruaru. Nasci em 1897. Três anos pra 900, não foi?

GS - É

- Três anos pra 900.

GS - Tá lembrado ainda, hein?

- Não, é porque me disseram (risada). Eu não me lembro do dia em que nasci, não. Cortando madeira eu comecei em 1918. Fazia imagem mesmo. Fazia umas imagenzinhas muito mal dirigidas, viu? E findou-se, continuando é que passei a trabalhar melhorzinho até...

Narração:

Quando eu escrevo, repito aquilo que vivi anteriormente e pra essas duas vidas, meu vocabulário não basta. Em outras palavras; eu queria ser um crocodilo no São Francisco. Um crocodilo nasce ou entra no mundo como um mestre da metafísica, porque pra ele todo rio é oceano, um mar de sabedoria. E mesmo ainda quando ele atinge 100 anos de idade, eu gostaria de ser um crocodilo, porque gosto dos rios grandes. Porque eles são profundos como a alma do homem; na superfície são muito vivos e claros; no fundo são tranquilos e escuros como o sofrimento humano. E outra coisa ainda que eu gosto nos grandes rios; sua eternidade, sim, rio é uma palavra mágica como eternidade. Mas voce deve começar a tomar-me por um tagarela ou um louco.

Poema: (Severino Pinto)

Se não houver quem proíba
falarei de um fazendeiro
Estado da Paraíba
município de Monteiro
Em terra, gado e transporte
Foi a fazenda mais forte
Do Nordeste Brasileiro.

Sizenando Rafael
Era seu legítimo dono
Trabalhador e fiel
E zelador de seu trono
Comprou muita terra e gado
E fez muito açude cercado
Sem de ninguém ter abono.

Nesse tempo quando ele
começou a construção
Fez primeiro a casa dele
com curral no oitão
De arueira e Brauna
Aí nasceu a fortuna
da Fazenda do Feijão.

Começou a fazer mangas
açudes e moradias,
comprar carros e cangas
boiadas e maquinarias
todo instrumento comprava
Quanto mais ele gastava
mais a fortuna crescia.

Homem de muito temor
nunca fez uma injustiça
honrado e trabalhador
inimigo da preguiça
ele tinha no seu lar
um bispo para rezar,
confessar e dizer missa.

4 Tinha pra se defender
rifle, fuzil e pistola
máquina pra escrever,
serafina e radiola,
sapato, tamanco e meia,
chucalho, cabresto e peia,
relhos de fio de sola.

Depois que morreu o dono
dessa grande fortaleza
quem tomou conta do trono
acabou com a riqueza
naquela propriedade
resta somente saudade,
recordação e tristeza.

Pato, peru, ganso e galo,
bovino, muar, cavalo,
tudo o que havia em Gonçalo,
terra, casa, criação
ovelha, cabra e suíno,
cavalo, muar e bovino

quem perdeu foi Andolino
da Fazenda do Feijão.

Balança, peso e medida
mel, rapadura batida,
coalhada grossa escorrida,
leite, queijo e requeijão,
nata, coalhada de soro,
roupa de pano e de couro,
e nunca mais berrou um touro
na Fazenda do Feijão.

Não há Sela nem coroa
cadeira, mesa e poltrona,
empregado, dono e dona,
da Rainha do Sertão.
E de verão a inverno,
não há mais feijão moderno
Dorme o dono o sono eterno
Na Fazenda do Feijão.

Cantadores:

- Cantoria do sertão em toda a parte se aprecia.
- E hoje temos inverno, vem nos trazendo alegria,
- De todas é a mais linda, que um principia e outro finda e
um finda e outro principia.
- Capricho da natureza, a chuva traz a frieza e o sol nos traz calor.

Narração:

Eu carrego um sertão dentro de mim. O mundo no qual eu vivo é também um sertão. Assim são esses paradoxos incompreensíveis dos quais irrompeu o segredo da vida, como o rio da montanha. Mesmo correndo o risco que meus leitores me apedrejem ou o que é pior não me leiam mais, porque toquei no que eles possuem de mais sagrado, eu lhes digo - Goethe nasceu no sertão, como Dostoievski, como Tolstoi, como Flaubert, Balzac, ele era sertanejo. Zola, como exemplo oposto arbitrário, provém, apenas de São Paulo. De 100 escritores, um é parente de Goethe, 99 de Zola. Quem interpretar como nacionalismo mesquinho o fato de eu me confessar do sertão como maneira de pensar e viver, é mesmo um idiota. Prova que não entendeu meus livros e nem se é capaz de entender direito o que nos aqui procuramos frizar com cuidado. Como escritor, eu não posso seguir a receita de Hollywood, segundo a qual a gente deve orientar-se sempre pelo limite mais baixo do entendimento. No sertão fala-se a língua de Goethe, Dostoievski, Flaubert (porque o sertão é o terreno da eternidade, da solidão. São ali os anjos ou os diabos que manuseiam a língua. O sertanejo perdeu a inocência do dia da criação e não reconheceu ainda a força que produz o pecado original. Ele é o homem que perdeu Deus e achou o Diabo.

ENTREVISTA (Coronel Chico Heráclio)

- Dizer que a infelicidade do Brasil é a política, pode dizer que é. Em 22 fui prefeito de Limoeiro, nunca mais saí disso, foi o que me desgraçou, foi o que me fez esse mal. Ah! se eu não fosse, não isso. Ninguém nem sabia quem eu era, um criador e agricultor, num é? Mas... Mesmo procedendo bem, era conhecido, bastava isso. O meu pai foi. O meu pai nunca comprou carne, sempre teve todo o respeito do pessoal, toda a atenção por causa da moral dele, viu? Tinha moral. Prefeito delegado, deputado, quero lá saber disso. Quero estar na minha luta.

GS - Quer dizer que o senhor tem dois filhos deputados?

- Tenho. Um federal e um estadual. Os dois são casados com duas sobrinhas, o estadual e o federal. Fazem 15 anos agora, que foram eleitos. E depois a democracia deles nhe, nhe, nhe. Digo ah! Eleição não se faz assim. Se faz é bater na porta do eleitor e firmar com ele ba, ba, ba é isso, com uma carta, como é? Com a chapa, com a carta do Gal. Cordeiro de Parias, hoje não é? Votava 20, 30, 40, 50 eleitores pra poder entrar, quando ia entrar mostrava o passe pra votar. Menina de 12 anos votar por eleitora, misericórdia. Nas sessões o eleitor pra votar passava de baixo das metralhadoras, eram cruzadas assim... assim como aquele negócio de massonaria. Uma ocasião eu fui a uma massonaria e era aqueles facões assim... A polícia... o eleitor passava assim. A felicidade que o eleitor não conhecia aquilo, aquele material, não é? Não conhecia metralhadora. Num sou rico hoje por causa de política, porque o camarada político assume compromisso com todo mundo. Eu não sou dos tais que o camarada vota e quando precisa eu tenho nhe, nhe, nhe, não. Chego na hora, para o que der e vier, para o eleitor, nos aperreio dele de toda a forma que pelo lado do dinheiro, pelo lado do aperreio de qualquer coisa, eu chego. Meu pai dizia que era de 3 coisas da onde vinha barulho no mundo: política, terra e carne mijada.

GS - E o que coronel?

- Carne mijada; mulher.

CANTORIA:

É coisa melhor do mundo
Essa vida de vaqueiro
Passa o dia campeando
correndo nos tabuleiro
e de noite namorando
a filha do fazendeiro.

Em casa tem 4 irmãos
todos 4 interesseiros
um deu pra tocar sanfona
outro pra bater pandeiro
outro foi ser valentão
e eu nasci pra ser vaqueiro.

São 4 coisas no mundo
que o vaqueiro dá valor
é um som de viola
é um baião, bom cantador
e uma mulher carinhosa
e um cavalo corredor.

A mulher fugiu de casa
o cavalo da estrebaria
do meu cavalo tive pena
da mulher tive alegria
cavalo bom é difícil
mulher se vê todo dia.

Me despeço do sertão
e de uma grande invernada
das noites, das cantorias
dos dias, das trocadas
da festa da apartação
e da festa da vaquejada.

Narração:

Olhe, eu penso dessa maneira; cada homem tem seu lugar no mundo e no tempo que lhe é determinado. Sua tarefa não é nunca maior que sua capacidade de cumpri-la. Ela consiste em desempenhar seu lugar e servir à verdade ao homem. Eu conheço meu lugar e minha tarefa. Muitos homens não a conhecem. Só vão conhecê-la tarde demais, por isso pra mim tudo é completamente simples. Eu só espero fazer jus a esse lugar e a essa tarefa. Olhe é tão simples. Isso já foi meu credo, mas eu desejo acentuar que credo e poetica são uma coisa só. Não deve haver diferença entre homens e escritores. Isso é apenas uma inversão inteiramente infame dos cientistas. Isso de se querer fazer deles duas pessoas completamente diferentes, acho ridículo. A vida deve fazer jus à obra e a obra deve fazer jus à vida. Um escritor que não se atém a essa regra, não presta, nem como homem, nem como escritor. Eu carrego um sertão dentro de mim e o mundo no qual eu vivo é também o sertão.